



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



Instituto de Comunicação e Informação
Científica e Tecnológica em Saúde

Especialização em Comunicação em Saúde

**A REPRESENTAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NOS PROGRAMAS POLICIAIS
DE TVs DO RECIFE: uma Abordagem Relacionando a Comunicação e a Saúde**

DARTON CHARLES PINTO CRISTIANO

Projeto de Pesquisa apresentado ao Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz como requisito parcial para a obtenção do Título de Especialista em Especialista em Comunicação e Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Igor Sacramento.

Rio de Janeiro
2014

ESPECIALIZAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SAÚDE
PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU*

**A REPRESENTAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NOS PROGRAMAS POLICIAIS
DE TVs DO RECIFE: uma Abordagem Relacionando a Comunicação e a Saúde**

DARTON CHARLES PINTO CRISTIANO

Projeto de Pesquisa apresentado ao Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz como requisito parcial para a obtenção do Título de Especialista em Especialista em Comunicação e Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Igor Sacramento.

Rio de Janeiro
2014

RESUMO

O objetivo deste projeto de pesquisa é analisar a produção de sentidos acerca da homossexualidade em programas policiais das TVs de Recife (**Cardinot Aqui na Clube e Plantão 190**), observando como determinadas expressões verbais e outros sistemas semióticos (gestos, imagens, sons, músicas) são associados à homossexualidade e os contextos em que são acionados. Dessa forma, o projeto investigará como as notícias que abordam a homossexualidade se relacionam com a homofobia e estudar os sentidos que as expressões que estão ligadas à homossexualidade assumem. Para se ter maior compreensão do tema, são apresentados conceitos e contextos que se relacionam com os campos da comunicação e da saúde, tais como gênero, homossexualidade, heteronormatividade, jornalismo popular e telejornalismo. O trabalho tem como metodologia a análise do discurso de inspiração foucaultiana, a fim de se obter explicações sobre como determinadas representações da homossexualidade se articulam a redes de poder que investem, marcam e dirigem os corpos e as sexualidades, sujeitando-os a trabalhos, obrigando-os a práticas e exigindo-lhes condutas determinados a partir do que é considerado normal ou aceitável.

Palavras-chave: Telejornalismo; Homossexualidade; Heteronormatividade.

ABSTRACT

The objective of this research project is to analyze the production of meanings about homosexuality in cop shows of TVs Recife (**Cardinot Aqui na Clube e Plantão 190**), watching how certain verbal expressions and other semiotic systems (gestures, images, sounds, music) are associated with homosexuality and the contexts in which they are triggered. Thus, the project will investigate how the news that address homosexuality relate to homophobia and study the meanings of the phrases that are linked to homosexuality assume. For the sake of understanding of the subject, we present concepts and contexts that relate to the fields of communication and health, such as gender, homosexuality, heterosexuality, popular journalism and television journalism. The work is the methodology of discourse analysis Foucault inspiration in order to give explanations about certain representations of homosexuality are related to power networks investing, mark and direct the bodies and sexualities, subjecting them to work, forcing -the to practices and requiring them conduct certain from what is considered normal or acceptable.

Keywords: TV Journalism; Homosexuality; Heteronormativity.

LISTA DE ABREVIATURAS

FMI	Fundo Monetário Internacional
INAMPS	Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis
OMS	Organização Mundial de Saúde
RJTV	Rio de Janeiro TV
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
SUS	Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 JUSTIFICATIVA	9
3 OBJETIVOS	12
3.1 Objetivo geral	12
3.2 Objetivos específicos	12
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
4.1 Gênero, Homossexualidade e Heteronormatividade	13
4.1.1 Gênero	13
4.1.2 Homossexualidade	14
4.1.3 Heteronormatividade	18
4.2 Direitos civis dos homossexuais e o campo da comunicação e saúde	21
4.3 Telejornalismo Popular e seus modos de produção de sentido	24
5 METODOLOGIA	28
REFERÊNCIAS	32
CRONOGRAMA	35
ANEXOS	37

1 INTRODUÇÃO

O debate acerca da visibilidade, das garantias de direitos e do combate à violência contra os homossexuais recebe atenção dos meios de comunicação, o que permite à sociedade participar das discussões de acordo com as perspectivas apresentadas. Os discursos midiáticos são heterogêneos, ou seja, aqueles que participam do processo de produção e difusão carregam consigo crenças e valores que influenciam os conteúdos. Assim, reforçam, negam e contradizem posicionamentos ideológicos.

A conquista de espaços nas pautas dos meios de comunicação se deve principalmente às lutas históricas do movimento LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) para garantir direitos e liberdades básicas, ou seja, ter assegurado direitos humanos. Poder viver plenamente a sua cidadania com dignidade e respeito. Muito embora, as pautas nem sempre priorizam temas relevantes como esses e deixam o grotesco no foco.

Para demarcar a história do movimento LGBT, recorre-se ao que aconteceu em Nova Iorque, em 1969, no bar *Stonewall Inn*, quando um grupo de pessoas resistiu com revolta às ações violentas da polícia por serem consideradas transgressoras das normas sociais. No Brasil, as lutas por direitos da comunidade LGBT se inicia mais tarde que na América do Norte e Europa. Na década de 1980, o regime militar perde força até que ocorre a reabertura democrática no país. A partir daí, os movimentos sociais passam a ganhar mais espaço, conseqüentemente, cresce também a participação social do movimento LGBT. (CANABARRO, 2013)

Importante ressaltar que, também na década de 80, surge a epidemia da SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), mais conhecida no Brasil pela sigla em inglês, AIDS. “A imprensa batiza como ‘peste gay’, ‘câncer gay’ e os grupos militantes se veem diante de uma situação inesperada. Antes, a luta era por liberdade, agora, ao ver tantxs amigxs militantes morrendo, torna-se uma luta pela vida.” (CANABARRO, 2013). Assim sendo, o movimento LGBT no Brasil tem forte participação na luta para combater a epidemia da AIDS. Firmando-se como parceiro do Estado, tendo forte participação nas campanhas ligadas aos órgãos de saúde pública.

Programas de televisão que tratam da violência urbana se destacam nas emissoras dentro de suas programações. Temas relacionados a políticas públicas e a saúde são abordados de forma explícita ou implícita, de acordo com a pauta em questão. Ocupam

horários de grande audiência e têm duração significativa. Há programas que são veiculados tanto nacional quanto regionalmente. Apresentadores opinam com voz firme, por vezes, tentando intimidar os bandidos e o poder público ineficiente, no entanto, sem perder a simpatia que cativa os telespectadores. A indignação com a violência e com as injustiças sociais são características visíveis. A fórmula parece a mesma. Muda-se de canal, mas os perfis e os conteúdos são bem parecidos.

Os programas são assistidos por públicos diversos, contudo, recebem maior audiência das populações das periferias. São elas que estão no centro das pautas. É o cotidiano dessas pessoas que são retratados. A comunicação que se estabelece é como uma conversa informal, um bate papo. O apresentador se relaciona com o seu público como uma pessoa próxima, demonstra respeito e afeto pelos telespectadores.

Este projeto de pesquisa tem como desafio estabelecer uma relação entre esse perfil de programa e a homossexualidade. O intuito é analisar a produção de sentidos acerca da homossexualidade em programas policiais das TVs de Recife - *Cardinot Aqui na Clube* e *Plantão 190* -, observando se ela está circunscrita por mecanismos discursivos heteronormativos, tais como: desvio de conduta, anormalidade e doença.

O Programa *Cardinot Aqui na Clube* é veiculado pela TV Clube, emissora do Grupo dos Diários Associados PE e afiliada da Rede Record. Vai ao ar de segunda a sexta e começa ao meio dia, com duração de uma hora e meia. Classifica-se como um programa de jornalismo investigativo, interessado nos fatos policiais, e tem como apresentador o jornalista Joslei Cardinot Meira, um profissional bastante reconhecido pelo público e disputado por emissoras locais. Já trabalhou na TV Tribuna (afiliada da Rede Bandeirante) e na TV Jornal (afiliada do SBT) como apresentador de programas que seguem o mesmo perfil.

Cardinot Aqui na Clube (TV Clube) teve início em 25 de Julho de 2011, logo depois do apresentador pedir desligamento da TV Jornal. O logotipo do programa seguia o padrão do jornal impresso Aqui PE, publicação com um perfil bastante popular e preço acessível, também pertencente ao Grupo dos Diários Associados, assim como o Diário de Pernambuco, um dos mais antigos jornais do Brasil, fundado em 1825. No dia 09 de Janeiro de 2012, a TV Clube troca de afiliação, da Rede Bandeirante, mais conhecida como Band, para a Rede Record. Após a mudança, o programa *Cardinot Aqui na Clube* é reformulado. O novo cenário e vinheta passam a seguir os padrões gráficos do programa Balanço Geral.

Com a saída do apresentador Joslei Cardinot da TV Jornal, que comandava o *Bronca Pesada* desde 2006, a emissora tratou de lançar um novo programa, o *Plantão 190*, com as mesmas características, porém, investindo no design. O cenário é mais amplo e a vinheta com efeitos sonoros e visuais marcantes. Vai ao ar de segunda a sexta, a partir das 12h15, e tem uma hora de duração. A TV Jornal contratou o jornalista Sérgio Dionízio para apresentar o programa. Na época, trabalhava na TV Tribuna apresentando o programa policial *Ronda Geral*, concorrente direto do *Bronca Pesada*.

Levando em consideração o objetivo deste trabalho, que se interessa em analisar a produção de sentidos acerca da homossexualidade em dois programas policiais de TVs do Recife - *Cardinot Aqui na Clube* e *Plantão 190* -, a fim de identificar se determinadas expressões verbais e outros sistemas semióticos (gestos, imagens, sons, músicas) são associados à homossexualidade e em quais contextos são acionados, além disso, perceber se a homossexualidade está circunscrita por mecanismos discursivos heteronormativos, que a compreende como doença, desvio de conduta, anormalidade, como, então, esses programas se apresentam e produzem sentidos diante de diferentes sujeitos, nos seus corpos e sexualidades, no tecido social que tem se tornado cada vez mais plural?

-

.

2 JUSTIFICATIVA

Pesquisar a representação da homossexualidade nos programas de TV do gênero policial tem importante relevância na produção do conhecimento científico, inclusive por se inserir no campo da Comunicação e Saúde ao fazer uma interseção entre assuntos que disputam espaços nos campos sociais: a homossexualidade e os meios de comunicação. A homossexualidade que ainda carrega estigmas como anormal, desvio de conduta, doença. A televisão que é um importante e influente veículo popular de comunicação. O formato e o conteúdo dos programas escolhidos para a realização da pesquisa que se destinam à prestação de serviço e ao combate à violência.

Percebe-se que há diferentes discursos difundidos pelos meios de comunicação acerca da homossexualidade na busca por legitimidade.

Ressaltam Araújo e Cardoso:

Campos sociais são historicamente constituídos e atualizados em contextos e processos sociais específicos que, ao mesmo tempo, envolvem e extrapolam suas fronteiras, mas sempre movidos por disputas por posições e capitais materiais e simbólicos. Fronteiras porosas por onde transitam agentes, discursos, políticas, teorias e expandem ou contraem relações, capitais, conflitos, enfim, interesses de diferentes ordens. (ARAÚJO; CARDOSO, 2007)

Alguns trabalhos científicos já se debruçaram sobre o assunto a fim de perceber como a homossexualidade é apresentada nos meios de comunicação, no entanto, ainda é escasso diante da diversidade dos tipos de conteúdos. Acredita-se não haver estudos a respeito da representação da homossexualidade em programas policiais na TV pelo que foi apurado nas bases de dados para preparar esta proposta (SciELO e Google Acadêmico). Sendo assim, a análise se fundamenta ainda por iniciar a discussão a partir dessa perspectiva.

O trabalho de pesquisa também é relevante por refletir aspecto da regionalização, afinal, o objeto de estudo são telejornais policiais locais. Acerca da regionalização, Sacramento (2013) destaca como, em um dado momento político no Brasil, as transmissões em rede nacional tinham maior impacto para que houvesse a integração nacional do que as transmissões locais.

“O fato de a televisão no Brasil ter se consolidado como o principal segmento da indústria cultural durante a ditadura militar conferiu ao seu estudo um caráter fortemente político. Isso se dava por pelo menos dois motivos. O primeiro deles era que os governos militares haviam entendido que a

integração nacional seria realizada pelas telecomunicações. Nesse sentido, permitir que emissoras tivessem transmissão em rede nacional era primordial. Então, estudar a televisão era uma forma de criticar as políticas de comunicação e cultura do Estado autoritário. Outro motivo estava na análise do modo como a televisão constituía a cultura política em nível nacional ou local, seja pela mobilização, seja pela desmobilização em relação a determinados assuntos.” (SACRAMENTO, 2013)

Sendo assim, o estudo proposto irá trazer contribuições para entender como se dá a produção de conteúdo nas emissoras locais, analisando os pontos de convergência e divergência em relação às produções que são veiculadas nacionalmente.

O artigo *Representações Sócio-discursivas da Homossexualidade na Mídia*, publicado por Melo (2009), apresenta as estratégias de inclusão e exclusão de pessoas ou grupos sociais por meio da linguagem, destacando os homossexuais como um dos alvos dessas práticas, sendo eles tratados, no decorrer da história ocidental, ora como hereges, ora como doentes mentais. No entanto, nas últimas décadas, os movimentos de afirmação conduzidos por gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais demonstram a visibilidade de suas lutas por direitos civis e conquistas. O artigo é parte de sua tese de doutorado e analisou textos jornalísticos. Notícias publicadas no Jornal Folha de Pernambuco acerca dos homossexuais.

O trabalho de pesquisa “Tratamento dado ao tema Homossexualidade em artigos do *Journal of Applied Behavior Analysis*: uma revisão crítica”, realizado por Carvalho, Silveira e Dittrich (2011), analisou como o tema Homossexualidade foi tratado no periódico *Journal of Applied Behavior Analysis*, no período de 1968 a 2010, e se propôs pesquisar as publicações a partir da visão da homossexualidade como desvio ou não.

Por meio das bibliotecas eletrônicas, também foram encontrados alguns trabalhos de pesquisas que se dedicaram a estudar a representação da homossexualidade pelos meios televisivos. O trabalho de pesquisa intitulado “Katylene TV e a Identidade Homossexual”, realizado por Rosa (2012), problematizou a representação do homossexual na mídia tendo como foco o programa Katylene TV, veiculado pela MTV em 2010. O artigo “Mulheres Apaixonadas: uma análise da relação homoerótica e das práticas discriminatórias na TV brasileira”, elaborado por Libardi, Nóbrega e Felix (2011), se interessou em compreender as representações culturais da homossexualidade feminina e as práticas discriminatórias e preconceituosas contra as personagens homossexuais daquela novela.

O levantamento bibliográfico realizado, que objetivou encontrar trabalhos que se aproximassem com o tema proposto, constatou que não há estudos que analisam a representação da homossexualidade no jornalismo televisivo.

A proposta de pesquisa aqui apresentada tem como perspectiva abarcar os campos da comunicação e da saúde por trazer para o eixo da discussão a homossexualidade e a sua representação em programas de TV, que, apesar de muitas lutas e conquistas na garantia de direitos civis, ainda carregam estigmas como doença, desvio de conduta e pecado.

Os programas de TV do gênero policial têm elevado índice de audiência, ocupam horários de destaque na grade de programação das emissoras e são destinados às camadas mais populares da sociedade. A linguagem apresentada se diferencia dos outros programas. Mesclam a seriedade, a prestação de serviço e o combate à violência com a irreverência, a informalidade e o humor. Sendo assim, também são relevantes de serem pesquisados a fim de compreender a produção de sentidos da homossexualidade a partir desse misto de características.

A heteronormatividade, essa construção discursiva sobre a heterossexualidade como norma, ainda é percebida por muitos segmentos da sociedade como uma verdade inquestionável. E aqueles que fogem à regra podem ser considerados anormais, desviantes, doentes.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a produção de sentidos acerca da homossexualidade em dois programas policiais de TVs do Recife - *Cardinot Aqui na Clube* e *Plantão 190* -, observando como determinadas expressões verbais e outros sistemas semióticos (gestos, imagens, sons, músicas) são associados à homossexualidade e os contextos em que são acionados.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Estudar as conexões dos movimentos sociais LGBTs com os campos da comunicação e da saúde no Brasil, averiguando quais são as reverberações das lutas sociais por direitos civis dos homossexuais nos programas considerados e em quais contextos noticiosos elas se dão.

- Observar até que ponto as práticas discursivas dos programas policiais, quando da abordagem da homossexualidade, reforçam a heteronormatividade.

- Investigar como as notícias que abordam a homossexualidade se relacionam com a homofobia.

- Comparar as estratégias e práticas discursivas desses programas locais com outros do mesmo gênero com veiculação nacional como *Cidade Alerta* e *Ronda Geral*.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Gênero, Homossexualidade e Heteronormatividade

Os sentidos produzidos pelos meios de comunicação, em especial pelos programas televisivos, são capazes de conservar, ressignificar, construir novos, enfim, de transformar valores nas sociedades, ou seja, tem importante papel na formação cultural. Sendo assim, é necessário compreender que, a partir dessa mídia, discursos diversos, uns com mais potência que outros, serão produzidos e irão impactar de maneira significativa as relações sociais. Questões ligadas à sexualidade, como gênero, homossexualidade e heteronormatividade, estão constantemente presentes nesses discursos. Para perceber quais os sentidos produzidos e como são moldados é fundamental se apropriar de seus conceitos e contextos.

4.1.1 GÊNERO

A distinção entre sexo e gênero surge a priori para questionar a compreensão de que o biológico determina os comportamentos humanos. Nesse sentido, o sexo estaria condicionado ao biológico. No entanto, o gênero, não. Esse seria fruto da construção cultural. Assim sendo, o gênero não é uma consequência do sexo nem tão pouco fixo, determinado pela biologia.

Butler fala que:

Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de ‘homens’ aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo ‘mulheres’ interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois (BUTLER, 2008, p. 24).

O movimento feminista contribuiu para pensar as questões do gênero e do sexo. Inclusive ao colocar em discussão o discurso científico e, portanto, criticá-lo. Questiona o que é dado como natural pelo discurso científico. Se não estaria assim colocado e reforçado por estar a serviço de interesses políticos e sociais. A crítica feminista contesta o próprio caráter imutável do sexo. Ou seja, surge mais uma reflexão: se o sexo não seria, assim como o

gênero, uma construção cultural. “Talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero seja absolutamente nenhuma” (BUTLER, 2008, p. 25).

Butler ainda ressalta que os cientistas sociais tratam o gênero como um “fator” ou “dimensão” de análise. Contudo, ele também é aplicado a pessoas reais como uma “marca” da diferença biológica, linguística e/ou cultural (BUTLER, 2008).

4.1.2 HOMOSSEXUALIDADE

Definir a homossexualidade não é tão simples quanto parece quando se pensa os contextos sociais, culturais e históricos. Para Fry e MacRae (1983), responder a pergunta o que é a homossexualidade terão infinitas variações sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Na Grécia Antiga, ela se apresenta de uma forma. Na Europa, no fim do século XIX, de outra. Entre os índios Guaiáqui do Paraguai, ainda outra. E as distinções seguem.

Um homem de Belém, por exemplo, pode tranquilamente manter relações sexuais com uma pessoa que considera uma bicha. Para ele, não tem nada de diferente nesta atividade. Nem por isso ele é menos homem. Até poderia se considerar mais macho que nunca. Da mesma forma, um jovem rapaz na cidade de São Paulo poderia manter uma relação sexual com um senhor mais velho em troca de alguns cruzeiros. Como o nosso amigo paraense não é menos homem por isso e jamais se pensaria homossexual. Na mesma cidade de São Paulo, um homem universitário, militante do movimento homossexual pode discordar com o jovem prostituto e afirmar que ele é homossexual só que não sabe, não tem consciência (FRY; MACRAE, 1983, p. 8).

O que se percebe nesse relato sobre a prática homossexual feito por Fry e MacRae (1983), na década de 1980, é que muito desses discursos ainda estão presentes nos dias de hoje, nas mais distintas sociedades, apesar da crescente visibilidade do movimento LGBT e de novas compreensões da homossexualidade. Vale ressaltar que há aqueles que se apropriam do discurso religioso para dizer que se trata de pecado, ou de uma reencarnação de um espírito feminino em um corpo masculino, ou por ser filho de um orixá feminino. Há aqueles que se apropriam do discurso médico para afirmar que se trata de uma doença, possível de ser curado, tratado.

Acrescenta Terto Júnior:

As relações entre homossexualidade e saúde neste último século têm sido motivo de debates e controvérsias, tanto no âmbito das ciências médicas como no dos movimentos sociais. Durante este período, a homossexualidade

foi considerada uma *doença*, e os indivíduos com práticas homossexuais, tratados como se fossem portadores de alguma patologia ou distúrbio, que poderia ser diagnosticado como de origem biológica, genética ou de um desenvolvimento psíquico inadequado. Em 1985, por pressão dos grupos gays organizados da época, o Brasil excluiu do âmbito nacional o item 302.0 do Código Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde, que classificava a homossexualidade como doença psiquiátrica (TERTO JÚNIOR, 2002, p. 148).

Fry e MacRae (1983), na publicação, decidem não fechar uma definição precisa para a homossexualidade diante de tantas variações de compreensões a respeito do tema. No entanto, o propósito dos autores já naquele ano de 1983, foi o de tirá-la do campo da psicologia e da medicina e de colocá-la no campo dos estudos da cultura e da política no sentido mais amplo da palavra.

Como os médicos e psicoterapeutas se formaram de acordo com paradigmas muitas vezes produzidos nos centros universitários europeus e americanos, buscaremos nesses lugares subsídios para entender as condições históricas da produção de paradigmas. Como o Brasil não é uma ilha, mas sim parte da economia mundial (o FMI que o diga), é claro que, ao discutir as ideias e práticas que surgem nos centros de produção de conhecimento e que são veiculados pelos órgãos de comunicação de massa, não podemos ignorar o fluxo de comunicação e ideias que passa pela alfândega brasileira (FRY; MACRAE, 1983, p. 14).

Assim sendo, eles tentam compreender de que forma o conhecimento que sai dos centros hegemônicos são assimilados como verdades. Levam em consideração os interesses ideológicos que estão por detrás dessas verdades. Ainda ressaltam que o objetivo da publicação não tem pretensões de analisar as várias representações e práticas que tentam justificar as relações sexuais/afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Reconhecem as vozes discordantes, o embate desses discursos na tentativa de se fazerem mais reconhecidos.

No campo da política partidária, isso é feito através de eleições (quando têm), mas, no campo da sexualidade humana, a luta é engajada em todas as áreas da sociedade, nos consultórios médicos, nas delegacias de polícia, na rua, nos bares, na sala de visita, na cama. Uns procuram legitimidade para suas opiniões, reivindicando a ‘objetividade’ da ciência, outros invocam a autoridade de Deus (e é curioso notar que em um único Deus pode legitimar tantas diferentes formas de encarar a homossexualidade), enquanto os movimentos homossexuais invocam a legitimidade da representação da minoria oprimida (FRY; MACRAE, 1983, p. 15).

A homossexualidade é compreendida como uma orientação sexual. Como bem aduz, “caracteriza-se pelo sentimento de amor romântico por uma pessoa do mesmo sexo” (VECHATTI, 2008, p. 76). No entanto, é importante ressaltar que a ideia de amor romântico

descrita pelo autor pode reforçar o discurso heteronormativo numa concepção burguesa, romântica e heterossexual do amor.

Como se percebe, há diversas representações da homossexualidade, diferentes discursos, que saem de lugares distintos e respaldados dentro da sociedade, cada um tentando fazer valer suas compreensões a respeito do que se acredita. Os autores, Fry e MacRae, demonstram a legitimidade jurídica quando destacam a delegacia de polícia, o saber médico e científico quando destacam os consultórios e a “objetividade” da ciência, a legitimidade religiosa quando destacam aqueles que invocam a Deus para aceitar ou condenar determinadas práticas.

Este projeto de pesquisa tem como finalidade observar as representações da homossexualidade nos programas de gênero policial que são veiculados na TV e atingem amplamente as camadas mais populares. Sendo assim, acredita-se encontrar no discurso dos apresentadores e repórteres, das notícias e comentários, essas vozes, umas que se aproximam mais das outras e aquelas que são completamente divergentes. No entanto, se propondo identificar qual delas mais se evidencia. O trabalho de pesquisa tem essa pretensão, identificá-las. Analisar se o discurso que trata a homossexualidade como doença e o discurso heteronormativo, que será abordado mais à frente, estão presentes em que medida.

Curioso notar que, no período em que foi publicado - o que é a homossexualidade -, por Fry e MacRae (1983), a homossexualidade ainda era listada como doença nas instituições que cuidavam da saúde dos brasileiros. Na ocasião, ainda não havia o Sistema Único de Saúde - SUS, que só veio a ser instituído pela Constituição Federal de 1988. O órgão responsável era o Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social - INAMPS. A luta do movimento homossexual, na época, era retirar da lista de doenças a homossexualidade. Somente em 1990, no dia 21 de maio, é que a Organização Mundial de Saúde – OMS - retirou da lista internacional de doenças.

Apesar de já ter sido considerada por muitas instituições de saúde pública no mundo como doença, Fry e MacRae ressaltam que na apropriação da homossexualidade pelo campo da saúde, em especial pela medicina, há uma contribuição para a construção social do homossexual moderno. Acrescentam que, na era colonial, a homossexualidade era “hediondo pecado, péssimo e horrendo, provocador da ira de Deus e execrável até pelo próprio Diabo”, e a punição podia ser a morte na fogueira (FRY; MACRAE, 1983, p. 60).

Portanto, na segunda metade do século XIX, tanto na Europa como no Brasil, há uma preocupação médica com a homossexualidade. Com o propósito de preservar o modelo de família (pai, mãe e filhos), qualquer prática que prejudicasse tal estrutura, seria necessário tratar. A partir de então, serão os médicos que reivindicam, com base na autoridade de seu saber, para falar a verdade sobre a sexualidade. São eles que vão contribuir para a transformação gradual da homossexualidade de crime, sem-vergonhice e pecado para doença (FRY; MACRAE, 1983, p. 60).

Fry e Macrae ainda destacam:

Nesse sentido, vejamos as palavras do especialista em medicina legal, Leonídio Ribeiro (1938): No século passado foi que o problema do homossexualismo começou a ser estudado por médicos e psiquiatras, interessados em descobrir suas causas, a fim de que juristas e sociólogos pudessem modificar as legislações existentes, todas baseadas em noções empíricas e antigos preconceitos e fosse possível seu tratamento em moldes científicos. As práticas de inversão sexual não podiam continuar a ser considerado ao acaso, como pecado, vício ou crime, desde que se demonstrou tratar-se em grande número de caso de indivíduos doentes e anormais, que não deviam ser castigados, que careciam antes de tudo de tratamento e assistência. A medicina havia libertado os loucos das prisões. Uma vez ainda, seria ela que salvaria de humilhação esses pobres indivíduos, muitos deles vítimas de suas taras e anomalias, pelas quaes não podiam ser responsáveis (FRY; MACRAE, 1983, p. 62). (*sic*)

Apesar da apropriação da medicina não corresponder à compreensão do movimento dos homossexuais em relação às suas emoções e práticas e ainda feri-los na alma por colocá-los na condição de doentes, há de se considerar que aquilo que antes era compreendido como escolha, ou seja, sem-vergonhice e práticas pecaminosas, passa a ser visto como uma condição que merece tratamento.

Outro ponto observado por Fry e MacRae (1983) é que, como eles diferem e conceituam, no Brasil popular apenas os afeminados e passivos eram considerados homossexuais. No sistema médico, passivos e ativos, afeminados ou não, passam a ser, ou seja, há uma compreensão de que a homossexualidade está na relação entre pessoas do mesmo sexo, não importando a maneira como se comportam. Isso não significa dizer que passa a existir mais respeito com os homossexuais, entretanto, há outra percepção, mais abrangente. Contudo, violenta. Basta resgatar alguns dos “tratamentos”, como cirurgias para retirar parte dos lobos frontais do cérebro, áreas que estão relacionadas com a produção de fantasias e prazer sexual, choques elétricos para queimar parte do hipotálamo, castrações e detenções em manicômios.

4.1.3 HETERONORMATIVIDADE

Assimilar o conceito da heteronormatividade é fundamental para compreender práticas cristalizadas dentro das sociedades a fim de perceber os danos que podem causar. Na proposta deste projeto de pesquisa existe o propósito de analisar os discursos que estão permeados de ideias heteronormativas e saber em que medida está.

Para a heteronormatividade, ser heterossexual é condição obrigatória. Assim se pode conceituar a heteronormatividade:

[...] a reprodução de práticas e códigos heterossexuais, sustentada pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família (esquema pai-mãe-filho(a)(s)). Na esteira das implicações da aludida palavra, tem-se o heterossexismo compulsório, sendo que, por esse último termo, entende-se o imperativo inquestionado e inquestionável por parte de todos os membros da sociedade com o intuito de reforçar ou dar legitimidade às práticas heterossexuais (CALEGARI *apud* DARDE, 2009, p. 195).

Há uma compreensão naturalizada de que os corpos masculino e feminino devem se comportar de maneiras distintas e, ao mesmo tempo, padrão. Isso significa dizer que existem modos de viver destinados ao homem e à mulher. Normas que separam os grupos a partir dos seus sexos. Normas que exigem comportamentos obrigatórios a ser seguidos, que são exclusivos do masculino e do feminino.

Criados os corpos internamente sexuados, ou seja, corpos tatuados pela natureza que nos ditam como devemos habitá-los, sendo a tatuagem principal a que se encontra nas genitálias, temos consequências importantes: se existem diferenças e o corpo feminino é à maternidade (portanto ao privado) e o masculino é perfeito à guerra (portanto ao público), os corpos só devem se unir de modo perfeitamente normal: um homem e uma mulher. A heterossexualidade é o modelo de normalidade. Fora desse modelo temos patologias: um corpo mal tatuado pela natureza ou um ser que deseja mudar a tatuagem natural. Vemos que não se trata de um preconceito exclusivamente religioso, mas uma afirmação científica (MÉLLO, 2012, p. 199).

O pensamento heteronormativo acaba por compreender como não normal, como patológica uma relação que não se constitui dentro dos moldes homem-mulher. Há mudanças nas sociedades, mas ainda é muito presente essa forma de entender o comportamento humano por estar bastante cristalizado na cultura. É bem verdade que muitas mulheres não estão mais restritas ao lar e, assim, não cabe somente ao homem o trabalho fora de casa e o sustento da família. Como também, muitos homens passaram a ter outra postura no ambiente doméstico, dividindo ou assumindo certas tarefas. Apesar dessas mudanças, que, aparentemente, são

consideradas libertadoras, não que não sejam em certa medida, mas perto da dimensão que o pensamento heteronormativo alcança, influenciando modos de viver, ainda é pouco significativo.

Ressalta Lionço:

Em relação ao modo como a heterossexualidade - e a heteronormatividade - está naturalizada na cultura, é preciso considerar que isto tem uma história, relacionada com articulações específicas de poder saber que, em um determinado tempo e lugar, legitimaram o comportamento heterossexual como “normal”. Nesta direção, e desde o século XIX, o discurso médico tem se ocupado de formalizar a heteronormatividade e o binarismo dela decorrentes ‘normatizando as condutas sexuais e as expressões da masculinidade e da feminilidade em parâmetros de saúde/normalidade ou doença/anormalidade’ (LIONÇO *apud* PETRY; MEYER, 2011, p. 148).

Ao buscar conceitos e contextos para temas relacionados à sexualidade, como gênero, homossexualidade e heteronormatividade, não é difícil encontrar os alicerces das construções que firmaram valores, modos de se comportar no mundo e “verdades” que ainda hoje vigoram na sociedade ocidental. Foucault (1999) contribuiu ao investigar essas bases ao trazer para o centro da discussão a relação entre sexualidade e poder. A análise identificou uma relação negativa entre ambos: rejeição, exclusão, ocultação, mascaramento. O poder sobre o sexo está restrito a dizer-lhe não, ou seja, o que é permitido ou proibido.

De acordo com Foucault:

O ciclo da interdição: não te aproximes, não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não apareças; em última instância não existirás, a não ser na sombra e no segredo. Sobre o sexo, o poder só faria funcionar uma lei de proibição. Seu objetivo: que o sexo renunciasse a si mesmo. Seu instrumento: a ameaça de um castigo que nada mais é do que sua supressão. Renuncia a ti mesmo sob pena de seres suprimido; não aparecerás se não quiseres desaparecer. Tua existência só será mantida à custa da tua anulação. O poder oprime o sexo exclusivamente através de uma interdição que joga com uma alternativa entre duas inexistências (FOUCAULT, 1999, p. 81).

Dessa forma, é de se compreender que há inúmeras representações para a sexualidade, tendo em vista que, quanto mais se esconde, se proíbe, camufla, mais se reinventa, mais se busca sentidos.

No entanto, Foucault também ressalta que houve, desde o século XVIII, uma valorização da fala sobre o sexo, contudo, com o propósito de controlá-lo, ou seja, como forma exercer o poder neste campo. Ele classificou tal prática como *dispositivos da sexualidade*. As pessoas foram incentivadas a falar sobre sexo no intuito de mantê-lo sob controle.

O essencial é bem isso: que o homem ocidental há três séculos tenha permanecido atado a essa tarefa que consiste em dizer tudo sobre o seu sexo; que, a partir da época clássica, tenha havido uma majoração constante e uma valorização cada vez maior do discurso sobre o sexo; e que se tenha esperado desse discurso, cuidadosamente analítico, efeitos múltiplos de deslocamento, de intensificação, de reorientação, de modificação do próprio desejo. Não somente foi ampliado o domínio do que se podia dizer sobre o sexo e foram obrigados os homens a estendê-lo cada vez mais; mas, sobretudo focalizou-se o discurso no sexo, através de um dispositivo completo e de efeitos variados que não se pode esgotar na simples relação com uma lei de interdição. (FOUCAULT, 1999, p. 26).

Foucault ainda ressalta que os dispositivos da sexualidade, instituídos a partir do século XVIII, contribuíram para determinar o “normal” e o “patológico” a sexualidade “sadia” e a “doente”.

Poder-se-iam citar outros focos que, a partir do século XVIII ou do século XIX, entraram em atividade para suscitar discursos sobre o sexo. Inicialmente, a medicina, por intermédio das ‘doenças dos nervos’; em seguida, a psiquiatria, quando começa a procurar – do lado da ‘extravagância’, depois do onanismo, mais tarde da insatisfação e das ‘fraudes contra a procriação’, a etiologia das doenças mentais e, sobretudo quando anexa ao seu domínio exclusivo, o conjunto das perversões sexuais. Também a justiça penal, que por muito tempo se ocupou da sexualidade, sobretudo sob a forma de crimes ‘crapulosos e antinaturais, mas que na metade do século XIX, se abriu a jurisdição miúda dos pequenos atentados, dos ultrajes de pouca monta, das perversões sem importância. Enfim, todos esses controles sociais que se desenvolveram no fim do século passado e filtram a sexualidade dos casais, dos pais e dos filhos, dos adolescentes perigosos e em perigo – tratando de proteger, separar e prevenir, assinalando perigo em toda parte, despertando as atenções, solicitando diagnósticos, acumulando relatórios, organizando terapêuticas; em torno do sexo eles irradiaram os discursos, intensificando a consciência de um perigo incessante que constitui, por sua vez, a incitação de se falar dele. (FOUCAULT, 1999, p. 32-33).

Sendo assim, de acordo a percepção de Foucault, a homossexualidade não faz parte do discurso da sexualidade tida como normal e saudável. Ao contrário, está sob o domínio da medicina, mais especificamente da psiquiatria, que a tem como antinatural, ou seja, patológica.

4.2. Direitos civis dos homossexuais e o campo da comunicação e saúde

Quando se tem um direito garantido se pode usufruir dele ou, caso não seja cumprido, reivindicá-lo. Quando não se tem, o jeito é correr atrás para conquistar e, aí sim, poder gozá-lo ou protestar por não vê-lo acontecer. Ou ainda, calar e aceitar o fato de não ter tal direito. O que se pode dizer é: uma sociedade com direitos assegurados garante a seus cidadãos mais dignidade, mais força individual e coletiva.

Grupos sociais que ainda estão em desvantagem, em relação a outros grupos, reivindicam seus espaços na sociedade, seus direitos, sua voz. São lutas históricas. Difíceis. Em contextos adversos. Contudo, apesar da desigualdade das forças nos embates, muitas conquistas são celebradas, mas há muitas por conquistar.

O movimento LGBT persiste na luta para a ampliação dos direitos civis dos homossexuais. São visíveis tais conquistas em diversos países do mundo, como a união estável ou casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, a adoção de crianças, tratamento hormonal e cirurgias para mudança de sexo, dentre outras. Assim, políticas públicas são desenvolvidas por governos com a participação e o engajamento político do movimento LGBT.

No entanto, apesar da ampliação de direitos e de uma maior visibilidade dos homossexuais em muitas partes do mundo, inclusive nos meios de comunicação de massa e em campanhas de comunicação feitas por entidades governamentais ou não governamentais, noutras partes ainda há segregação, punição, violência física e moral para quem não se reconhece heterossexual. Importante ressaltar que, mesmo em lugares onde já existem leis que amparam os homossexuais, há repressão, preconceito, discriminação e violência.

De acordo o antropólogo e ativista do movimento LGBT, Luiz Mott, os homossexuais fazem parte de um dos grupos mais estigmatizados nas sociedades.

“Infelizmente, verdade seja dita, somos obrigados a reconhecer que de todas as chamadas ‘minorias sociais’, no Brasil, e na maior parte do mundo, os homossexuais continuam a ser principais vítimas do preconceito e da discriminação. Todos nós já ouvimos mais de um pai declarar: ‘prefiro ter um filho ladrão do que homossexual’! E não nos acusem de apelar para o vitimismo, pois os dados comprovam inegavelmente que, de todas as minorias sociais, os homossexuais são os mais vulneráveis: em Brasília, 88% dos jovens entrevistados pela Unesco consideram normal humilhar gays e travestis, 27% não querem ter homossexuais como colegas de classe e 35%

dos pais e mães de alunos não gostariam que seus filhos tivessem homossexuais como colegas de classe. Mais grave ainda: no Brasil, um gay, travesti ou lésbica é barbaramente assassinado a cada dois dias, vítima da homofobia” (MOTT, 2006, p.511).

A relação entre a homossexualidade e o campo da saúde é bastante complexa. Afinal de contas, durante um tempo, o homossexual foi considerado um doente, portador de alguma patologia ou distúrbio, de origem genética ou desenvolvida por algum transtorno psíquico, e precisava de tratamento. Somente em 1985 que o Brasil exclui do Código Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial de Saúde (OMS) a homossexualidade, que era caracterizada como uma doença psiquiátrica. (TERTO JÚNIOR, 2002).

Apesar de a homossexualidade não ser mais considerada pela Organização Mundial de Saúde como uma doença, ainda existem estigmas que afetam direta e indiretamente os homossexuais. Seja por parte de grupos religiosos, em especial aqui no Brasil, que insistem em colocar na pauta das discussões, inclusive no âmbito da política, o tratamento para reorientar a sexualidade de pessoas homossexuais a viverem a heterossexualidade. Recursos retóricos são utilizados para tornar implícita a proposta de “cura” para os homossexuais. Vale ressaltar que, nos anos 1980, com o surgimento da Aids, a doença foi chamada como peste gay, câncer gay. E ainda hoje alguns insinuam ou mesmo afirmam que a Aids é doença de gay, mesmo já tendo sido comprovado que não existe grupo de risco, mas comportamento de risco. Sem contar que os homossexuais tiveram papel fundamental na luta para combater o vírus do HIV.

“O impacto da Aids sobre homossexuais chegou a assumir dimensões catastróficas nos países ocidentais, já que estão entre os mais atingidos. Por outro lado, os homossexuais, sejam através de lideranças ou organizações gays, estão entre aqueles que, ainda nos anos 80, primeiro e mais diretamente se mobilizaram para enfrentar os desafios impostos pela epidemia, não só sobre a população homossexual, como sobre outras populações específicas e sobre a população como um todo. Esta mobilização foi geradora de respostas, como a criação de diversas organizações não-governamentais de serviço em AIDs (ONGs/AIDs), produção dos primeiros manuais sobre as formas de transmissão e sobre sexo mais seguro, a promoção dos direitos humanos e da solidariedade como princípios básicos do trabalho de prevenção, entre outras.” (TERTO JÚNIOR 2002)

É importante estar atento no contexto dessas mobilizações, seja em relação às lutas contra o HIV/Aids, seja para que a homossexualidade não fosse mais classificada como doença pela OMS, que não há conquistas de direitos civis, afinal, não se pode pensar que

deixar de ser taxado como um doente é um direito, é, sim, deixar livre de estigmas um tipo de sexualidade ou, pelo menos, um começo para isso.

A doutora em Psicologia, Tânia Lionço, em seu artigo “Que Direitos à Saúde para a população GLBT? Considerando Direitos Humanos, Sexuais e Reprodutivos em Busca da Integridade e Equidade” discute a importância de uma política de saúde específica para a população LGBT, levando em consideração a violação de seus direitos humanos decorrentes da discriminação. Políticas de saúde na perspectiva da integralidade e equidade no sistema de saúde. A autora ressalta que propor isso para grupos específicos gera polêmicas devido ao que diz a constituição em relação à assistência à saúde sobre a universalização. O Sistema Único de Saúde preconiza que a saúde é um direito de todos e um dever do Estado, contudo, Lionço chama a atenção para a realidade brasileira que é atravessada por iniquidades e que devem ser combatidas.

“Faz-se necessário, fundamentalmente, reafirmar a universalidade dos direitos humanos, dentre os quais o direito à saúde, resgatando GLBT como sujeitos de direitos, já que os processos de estigma e discriminação vêm comprometendo o seu exercício da cidadania. Caso resguardados os princípios ético-políticos do SUS em sua efetiva consolidação, o sistema de saúde brasileiro pode ser uma ferramenta política e social privilegiada para o combate à homofobia e demais estratégias correlatas de violação dos direitos humanos fundamentais.” (LIONÇO, 2008)

E pensar no direito à saúde é pensar no seu conceito ampliado, como define a OMS, saúde não como ausência de doença, mas um estado de completo bem estar físico, mental e social. Sendo assim, a garantir direitos civis é garantir mais saúde para as pessoas. Pois, então, é assim que deve ser feita a reflexão quando está na pauta do debate o direito à saúde dos homossexuais. Homossexualidade não é doença, mas viver uma sexualidade reprimida, estigmatizada, discriminada, violentada, mal assistida é, sim, contribuir para o adoecimento físico e psicológico dessas pessoas.

A forma como a homossexualidade é tratada nos meios de comunicação pode ajudar ou atrapalhar o trabalho daqueles que buscam a ampliação e efetivação de direitos dos homossexuais. Isso vai depender de como os temas são abordados nas pautas, no conteúdo e na linguagem. O projeto de pesquisa proposto também tem como desafio identificar nos programas policiais *Plantão 190* e *Cardinot Aqui na Club* quando há ou não contribuições para a discussão, visibilidade e ampliação dos direitos civis dos homossexuais.

4.3 Telejornalismo Popular e seus modos de produção de sentido

Para a realização deste trabalho, o telejornalismo também será objeto de estudo. E para isso, é necessário compreender que tipo de jornalismo é praticado, quais as suas características, a quem se destina, a sua linguagem, que sentidos produzem. Dessa forma, a análise a que se propõe terá elementos para uma leitura mais consistente e, assim, obter resultados significativos.

O perfil do telejornalismo escolhido para esta proposta de pesquisa é polêmico. Considerado sensacionalista por uns, popular por outros, as tentativas para explicá-lo são diversas, no entanto, fundamentais diante das percepções possíveis e dos seus impactos nas sociedades a partir dessas compreensões.

A doutora em Comunicação e Informação, Márcia Amaral, em sua publicação *Jornalismo Popular*, de 2006, o define como o título sugere:

Os produtos jornalísticos destinados às classes B, C e D normalmente são condenados ao rótulo de ‘sensacionalistas’. Alguns autores preferem a caracterização ‘popularesca’ para abordar a incorporação de características culturais populares pelos meios de comunicação com o objetivo de obter audiência. Prefiro adotar a expressão ‘Jornalismo Popular’, menos preconceituosa, para compreender a lógica desses jornais, embora a expressão, muitas vezes, refira-se genuinamente àquele jornalismo praticado em veículos alternativos por comunidades, movimentos sociais ou sindicatos (AMARAL, 2006, p. 15).

O fato da própria imprensa se autointitular assim, reforçou o conceito de popular para Amaral. No entanto, ressalta que o termo não significa dizer com isso que se trata de um jornalismo contra-hegemônico, que faz oposição aos importantes meios de comunicação de massa, contudo, o direcionamento que é dado é diferente, o público alvo é outro, a linguagem utilizada é mais simples. No caso dos impressos, o preço é acessível, são poucas páginas, distribuídos em bancas, os anúncios publicitários são de produtos voltados para pessoas de baixa renda (AMARAL, 2006, p. 16).

O termo dado ao jornalismo praticado pelos veículos de comunicação é tomado pela crítica que faz a seguinte afirmação: ser popular não quer dizer com isso democrático. O questionamento é apresentado no trabalho ‘O Populismo e o Neopopulismo no Jornalismo Televisivo Brasileiro’, publicado por Roxo e Sacramento (2013), que analisou as estratégias de popularização de dois telejornais cariocas: *Balanço Geral*, da TV Record do Rio de

Janeiro, e o RJTV 1ª edição, da TV Globo do mesmo Estado. Assim, definem como populista o primeiro e neopopulista o segundo. Explicam a partir da seguinte análise:

Essas estratégias são formas de popularizar os telejornais. O problema é que na tradição política brasileira, popularização não rima com democratização e sim com populismo, termo símbolo de uma época definida como autoritária. Explorando as dimensões culturais desse conceito, identificamos as estratégias de *Balanço Geral* como populista, por manipular a vontade popular e/ou curvar a prática profissional dos jornalistas à tirania do público. Já as de RJTV 1ª edição, entendemos como neopopulista por produzir mecanismos de interação visando criar a sensação de ‘soberania popular’ por meio da participação do cidadão comum na sua programação (ROXO; SACRAMENTO, 2013, p. 3).

O *Balanço Geral* segue um perfil de programa que coloca o apresentador não apenas para ler o seu texto previamente elaborado e lido no teleprompter durante a exibição do telejornal fazendo as chamadas das notícias. Ele passa a assumir um papel de comunicador, como os apresentadores de programas de auditório, tendo como características o carisma, donos de opiniões fortes, chamando o público para se indignar junto. Por outro lado, o RJTV 1º edição adapta para um formato mais popular, no entanto, com moderação. As modificações se dão no cenário e na participação de especialistas convidados para opinar a respeito dos fatos noticiados. Embora distintos, os dois programas têm como intenção a informalidade e criar uma ideia de serem interativos.

O populismo é constatado por Roxo e Sacramento (2013) quando houve a crise de hegemonia que ocorreu no Brasil na passagem do regime oligárquico para o liberal-democrático, compreende o período que vai de 1930 a 1964. As consequências são o enfraquecimento das classes sociais, logo, de suas representações institucionais (partidos e sindicatos) e o fortalecimento do Estado. Dessa forma, verifica-se uma manipulação das massas em um regime autoritário e paternalista. Sendo assim, o populismo, um acontecimento político de massa, se enraíza na cultura através dos meios de comunicação, tanto no impresso quanto nos veículos televisivos.

No Brasil, sua ideologia (o trabalhismo) foi associada à capacidade de difusão do rádio. Mas sua dimensão mística e sensacionalista ganhou relevo através do lançamentos dos impressos. *O Dia* (1951), *Última Hora* (1951) e a *Luta Democrática* (1954), foram empreendimentos de sucesso por estarem centrados na tríade crime sexo e sindicato. Os êxitos destes jornais no mercado político aproximaram seus leitores do ‘mundo cão’, transformando-os em leitores sensíveis às plataformas políticas de seus proprietários (ROXO; SACRAMENTO, 2013. p. 4).

Nos meios televisivos, o chamado “mundo cão” chega ao público através de programas com a mesma perspectiva dos impressos, ou seja, mostrando o que é considerado

grotesco. Na TV Tupi de São Paulo, em 1954, O programa *Tribunal do Coração*, apresentava histórias da vida pessoal e casos dos telespectadores. *O Povo na TV*, que foi transmitido, em momentos distintos, por várias emissoras (Excelsior, Tupi, Bandeirantes e SBT), também tinha como característica mostrar a vida privada dos participantes. Em 1966, *O Homem do Sapato Branco*, veiculado pelas emissoras Globo e Record, foi um dos primeiros programas policiais da TV brasileira. Como se percebe, o formato dos programas que pretendem ser analisados neste trabalho não é novo e tem sua história firmada em momentos um momento político que vivia o país.

Segundo Amaral (2006), os programas policiais são os que mais predominam dentre os produtos jornalísticos oferecidos às camadas populares. Na década de 1980, um programa que se destaca como precursor do estilo é o *Cadeia*, transmitido no Paraná. O apresentador Luiz Carlos Alborghetti tinha como marca bordões agressivos (“é pra mostrar a cara, é pra quebrar a cara do safado”) e gestos exagerados, sempre com um pedaço de pau na mão, batendo na bancada todas às vezes que se indignava, e uma toalha no pescoço para enxugar o rosto suado. Uma década mais tarde, surge outro programa que se torna um marco desse gênero na televisão brasileira, o *Aqui e Agora*.

O marco da década de 1990 foi, sem dúvida, o telejornal ‘Aqui e Agora’ (1991-1997), transmitido pelo SBT, que prometia tratar dos interesses do povo e tinha como bordão ser ‘um telejornal vibrante, que mostra na TV a vida como ela é’. Similar a um programa do mesmo nome veiculado em 1979 na Rede Tupi, o ‘Aqui e Agora’ do SBT era composto de reportagens de rua sobre casos policiais, sobrenaturais, e direitos do consumidor, com chamadas como *Marvada pinga despacha irmão* ou *Bate coração! A volta do morto-vivo*. O programa chegou a mostrar ao vivo, em 1993, um caso de suicídio (AMARAL, 2006, p. 45).

Nota-se que esse tipo de programa, com um direcionamento popular, revela uma intenção de que qualquer um pode se manifestar através desse meio. Sendo assim, o jornalismo televisivo é reconhecido como uma máquina centralizadora-democratizante, seja por ser populista ao representar o cidadão comum que não tem voz nas instituições políticas, seja pelo seu caráter comercial (ROXO; SACRAMENTO, 2013, p. 8).

Um dos programas televisivos do gênero policial de grande impacto na televisão brasileira é o *Cidade Alerta*, da Rede Record. Teve início em 1995 e ficou no ar até o ano de 2005. Depois voltou a ser exibido em 2011 e segue, ainda hoje, sendo transmitido como um dos mais influentes telejornais que tem esse perfil popular.

Oliveira (2011) analisou as estratégias de endereçamento do programa *Cidade Alerta* se apropriando dos aspectos da comunicação, da semiótica, da ideologia, da história e da cultura, a fim de perceber como os elementos mais sutis podem impactar nos telespectadores, como, por exemplo, a vinheta do programa, a quantidade e o tempo dos blocos que o programa é dividido, os anunciantes na hora dos intervalos comerciais, o cenário, enfim, buscou, com isso, entender como é oferecido e como é recebido pelo telespectador.

Em relação ao cenário, destaca Oliveira:

Outro ponto interessante no cenário é a ausência da bancada, uma tendência que se apresentava em programas mais antigos como, por exemplo, *Aqui e Agora* e *Globo Repórter*. Este modelo de cenário permite que o âncora obtenha uma performance corporal maior, permitindo que desempenhe um papel de apresentador de um jornalismo show. A visão que o telespectador tem do cenário no vídeo é de um espaço compacto, isso porque os movimentos de câmera dentro do programa são bem tradicionais, ancorados no plano americano (PA) e no primeiro plano (PP) (OLIVEIRA, 2011, p. 125).

A característica marcante do programa é a postura do apresentador: gestos agressivos diante das câmeras, voz firme e comentários contundentes, com o propósito de passar para o telespectador que também se indigna com a violência e outras questões sociais. Oliveira ressalta que o comportamento e o discurso agressivo são parte da estratégia retórica, ou seja, uma forma de endereçamento do programa (OLIVEIRA, 2011).

O trabalho de pesquisa proposto pretende analisar dois programas televisivos do gênero policial transmitidos no Estado de Pernambuco, *Cardinot Aqui na Clube*, da TV Clube, e *Plantão 190*, da TV Jornal, que seguem esse perfil popular. Ambos conseguem atingir amplamente às classes B, C e D. Além disso, disputam diretamente a audiência desse público, tendo em vista o horário de exibição que é quase o mesmo. Sendo assim, levando em consideração essas características, o projeto pretende investigar os impactos dos programas nesse formato na construção das representações dos homossexuais e se eles fazem algum tipo de relação com questões como saúde/doença e normalidade/patologia.

5 METODOLOGIA

Com o intuito de alcançar os objetivos apresentados neste projeto de pesquisa, realizou-se inicialmente, um levantamento bibliográfico para contribuir na compreensão dos conceitos acerca do tema. Materiais que acrescentem informações com aquelas que já foram apuradas até aqui para entender melhor conceitos como gênero, homossexualidade, heteronormatividade, homofobia e jornalismo popular. Ouvir outras vozes que falam a respeito, levantar discussões e assumir posicionamentos farão parte desse processo. Além disso, buscou-se estudos realizados que relacionem a sexualidade com os meios de comunicação, em particular, os meios televisivos, que discutam a homossexualidade e seus estigmas que até hoje persistem, como desvio de conduta, doença, comportamento não natural.

Os telejornais objetos de estudo para analisar a produção de sentidos acerca da homossexualidade são os programas Cardinot Aqui na Clube, da TV Clube, e o Plantão 190, da TV jornal. Ambos são transmitidos no Recife e região metropolitana.

Cardinot aqui na Clube, de acordo com o informações colhidas no site oficial do programa, se classifica como um programa de jornalismo investigativo. Vai ao ar de segunda a sexta e começa ao meio dia, com duração de uma hora e meia.

O jornalista Joslei Cardinot e sua equipe estão sempre de olho nos principais fatos policiais do estado e do país. Com reportagens exclusivas e uma maior interação com as redes sociais, o programa Cardinot Aqui na Clube conquistou o público pernambucano e se mantém na liderança da audiência. O telespectador ainda pode participar enviando denúncias e flagrantes do dia a dia através do site do programa (TV CLUBE, 2014, p. 1).

O Plantão 190, em sua descrição no site oficial do programa, destaca que o foco são os fatos policiais. Ainda ressalta a maneira descontraída como é apresentado, o cenário moderno, amplo e dinâmico. E tem como slogan: “Tudo pra levar até você o melhor jornalismo investigativo e prestação de serviço com qualidade” (TV JORNAL, 2014, p. 1). Também vai ao ar de segunda a sexta, a partir das 12h15. O telejornal tem uma hora de duração.

A etapa seguinte será o recorte da amostra para realizar o estudo. Ou seja, separar o corpus da pesquisa. Para isso, é necessário gravar os dois programas, todos os dias, durante um período de seis meses. Sendo assim, 120 programas de cada, somando um total de 240.

Importante ressaltar o tamanho do recorte aparentemente extenso. Isso não significa dizer que serão analisados os 240 programas. Assistidos, sim. A fim de identificar e separar aqueles nos quais aparece o tema homossexualidade, seja nas matérias, seja nos comentários. Os critérios para escolha só serão definidos a partir da observação desse conjunto de programas. Nesses, o método será aplicado com o propósito de interpretar os sentidos da homossexualidade.

A pesquisa é qualitativa e o método utilizado será análise do discurso a partir de uma abordagem foucaultiana. A análise do discurso, de acordo com a perspectiva de Michel Foucault, tem como fundamento permanecer no nível da existência das palavras, naquilo que é dito. Ou seja, se apropriar do próprio discurso mesmo com toda a sua complexidade. Para isso, Foucault ressalta que é preciso se desprender da ideia de que há algo por trás dos discursos sendo ocultado intencionalmente. No entanto, o que há são enunciados e relações que o próprio discurso faz. Sendo assim, analisar o discurso, para Foucault, é perceber as relações históricas que estão presentes no próprio texto.

Não se volta ao aquém do discurso - lá onde nada ainda foi dito e onde as coisas apenas despontam sob uma luminosidade cinzenta; não se vai além para reencontrar as formas que ele dispôs e deixou atrás de si; fica-se, tenta-se ficar no nível do próprio discurso. Já que é preciso, às vezes, acentuar ausências, embora as mais evidentes, direi que, em todas essas pesquisas em que avancei ainda tão pouco, gostaria de mostrar que os "discursos", tais como podemos ouvi-los, tais como podemos lê-los sob a forma de texto, não são, como se poderia esperar, um puro e simples entrecruzamento de coisas e de palavras: trama obscura das coisas, cadeia manifesta, visível e colorida das palavras; gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. (FOUCAULT, 2008, p. 54-55).

Foucault (2008) privilegia o enunciado como uma função, não como uma mera unidade linguística, extraindo-o da simples inscrição do que é dito. O enunciado como função pode ser teorizado como uma junção discursiva em que as palavras e as coisas se cruzam e se tornam investido de relações particulares de poder, resultando em um evento interpelativo (BUTLER, 2008) em que se pode reconhecer e isolar um ato de formulação (FOUCAULT, 2008). De acordo com Foucault, o enunciado é um modo especial de existência, que permite que grupos de signos de existir, bem como de regras, técnicas de poder e regimes de sujeição se manifestem. Assim, é possível analisar as estratégias discursivas de produção da verdade

jornalística sobre a homossexualidade em relação ao desenvolvimento de um poder/saber específico.

Foucault, para descrever os enunciados e a função enunciativa de que são portadores, considera as condições em que essa função opera, para cobrir os diferentes domínios que esta função pressupõe e da maneira em que esses domínios de poder e de saber são articuladas. Correspondentemente Butler (2008), com forte inspiração foucaultiana, declara que, um enunciado existe não só em virtude de ser reconhecido, mas, em certo sentido antes, por ser reconhecível. Nesse sentido, seria razoável argumentar que os enunciados sobre a homossexualidade dentro do discurso jornalístico – especificamente do jornalismo popular – tornam-se articulados e manifestam em uma forma de subjetivação identitária que é reconhecível e discriminada. Ou seja, o enunciado, numa análise de discurso inspirada por Foucault, é uma articulação que funciona com efeitos constitutivos. A operação de tais práticas discursivas divisórias no telejornalismo popular não permite apenas para esse objeto para aparecer e ser colocado em um campo de exterioridade, mas também trabalha para preparar o terreno para as práticas de exclusão que dela derivam.

Será levado em consideração para a análise todo o conteúdo do programa que tratem do tema homossexualidade: comentários e expressões dos apresentadores, convidados, repórteres, equipe de produção, chamadas, reportagens, depoimento das fontes. Buscar entender quais os contornos dos discursos e quais sentidos produzem.

Quanto ao método de pesquisa, o referido projeto buscou analisar programas selecionados, observando notícias particulares e suas características comuns, partindo de pressupostos específicos para, futuramente, comparativamente, alcançar conclusões gerais que fundamentem a situação atual brasileira no que se trata do discurso promovido pelos meios de comunicação de massa com relação à representação da homossexualidade.

Através de programas estudados, será possível chegar a uma conclusão que possa fundamentar o estudo do trabalho final, tendo-se um conjunto de premissas para o estabelecimento de uma hipótese real.

Como forma de conhecer melhor o conteúdo dos programas e saber se o problema da pesquisa aparecia com algum destaque, foi feito um levantamento de informações nos sites oficiais dos programas, nas páginas oficiais dos apresentadores e dos telejornais no Facebook. Também foram feitas buscas no Youtube utilizando palavras chaves que tivessem relação com o tema.

Desse levantamento, merece destaque o Youtube que mostrou, a partir de pesquisas feitas utilizando grupos de palavras chaves, inúmeras matérias que trazem a homossexualidade como pauta. No primeiro grupo, utilizando as palavras chaves: Cardinot, matéria, homossexual, foram registrados aproximadamente 4.070 resultados. No segundo grupo, com as palavras chaves: Sergio Dionísio, matéria, homossexual, foram registrados 47.300 resultados. Importante ressaltar que, apesar dos números mostrados pelo canal da web, nem todo o conteúdo buscado traz resultados que relacionem as três palavras diretamente. Nos anexos, serão apresentadas transcrições de duas matérias, uma de cada programa, que tratam da homossexualidade.

A primeira, que está hospedada em um canal oficial ligado ao grupo da emissora que transmite o programa Cardinot Aqui na Clube, postada em 13 de fevereiro de 2014, que apresenta uma matéria com o seguinte título: Sexo na Rua. A reportagem conta o caso de um morador de rua e um vigilante que são detidos, após flagrante das câmeras de segurança da Secretaria de Defesa Social de Pernambuco, por fazerem sexo em uma praça pública, no centro da cidade do Recife. A matéria apresenta os dois homens, cada um dizendo a sua versão, no entanto, sem negar o fato. Apesar disso, a notícia tem como eixo não o delito, mas a sátira. Em tom jocoso, trata o acontecimento como uma relação afetiva/sexual entre os dois homens (YOUTUBE, 2014).

A segunda é uma matéria do Programa 190. Para postar no Youtube, o dono do canal, que não tem relação oficial com o telejornal, captou de uma televisão as imagens no momento em que a reportagem era exibida. Deu o seguinte título: Casal gay briga e faz as pazes no programa Plantão 190. Da mesma forma que a primeira, apesar do eixo da matéria se tratar de um ato de violência entre os dois homens, a matéria trata a questão com humor (FERREIRA, 2011).

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ARAÚJO, Inesita Soares; CARDOSO, Janine Miranda. Comunicação e Saúde. **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. 2009. Disponível em: <<http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/comsau.html>>. Acesso em: 03 set. 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CARVALHO, Marcos Roberto Alves de; DITTRICH, Alexandre; SILVEIRA, Jocelaine Martins da. Tratamento dado ao tema “homossexualidade” em artigos do Journal of Applied Behavior Analysis: uma revisão crítica. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**. Brazilian Journal of Behavior Analysis, v. 07. 2011.

CANABARRO, Ronaldo. Histórias e direitos sexuais no Brasil: o movimento LGBT e a discussão sobre a cidadania. **Anais eletrônicos do II congresso de História Regional (2013)**. ISSN 2318-6208. Disponível em: <[file:///C:/Users/DJ/Downloads/\(Ronaldo_Canabarro%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/DJ/Downloads/(Ronaldo_Canabarro%20(1).pdf)> Acesso em: 10 de dez 2014.

DARDE, Vicente William da Silva. O padrão normativo na notícia: uma reflexão sobre as representações das masculinidades no discurso jornalístico. **Revista Galáxia**. São Paulo, n. 18, p.194-203, dez. 2009.

FERREIRA, José. **Casal gay briga e faz as pazes no programa Plantão 1-9-0**. Youtube, ago. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U8YFzDQAI_o>. Acesso em: 22 jul 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal. 1999.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2008.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LIBARDI, Bruna de Moura; NÓBREGA, Isabela Silva; FELIX, Jéssica Greyce dos Reis. “Mulheres Apaixonadas”: uma análise da relação homoerótica e das práticas discriminatórias na tv brasileira. **III Seminário Nacional: gênero de práticas culturais: olhares diversos sobre a diferença**. João Pessoa, out. 2011. Disponível em: <<http://www.seminariogeneroufpb.org/3/06/18.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

LIONÇO, Tatiana. Que direito à saúde para a população GLBT? Considerando direitos humanos, sexuais e reprodutivos em busca da integralidade e da equidade. São Paulo. **Revista Saúde Social**. v. 02 n. 17 p. 11-21. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v17n2/03.pdf>> Acesso em 10 de dez. 2014.

MÉLLO, Ricardo Pimentel. Corpos, heteronormatividade e performances híbridas. Belo Horizonte. **Revista Psicologia & Sociedade**. v. 24. n. 1, jan./abr. 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822012000100022&script=sci_arttext>. Acesso em: 19 jul. 2014.

MELO, Iran Ferreira de. **Representações Sócio-discursivas da Homossexualidade na Mídia**. João Pessoa, PB: 2009. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:L_QLCj-kNbwJ:www.epedusp.com.br/05.pdf+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 22 jul. 2014.

MOTT, Luis. **Homo-afetividade e direitos humanos**. Florianópolis, SC: 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n2/a11v14n2.pdf>> Acesso em: 10 de dez. de 2014.

OLIVEIRA, Dannilo Duarte. Cidade alerta: jornalismo policial, vigilância e violência *In*: GOMES, Itania Maria Mota (org.). **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011.

PETRY, Analídia Rodolpho; MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Revista Eletrônica Textos & Contextos**. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 193 - 198, jan./jul. 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/7375/6434>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

ROSA, Matheus Pairé. **Katylene TV e a identidade homossexual**. Monografia. Porto Alegre: UFRGS, 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/67632/000872892.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

SACRAMENTO, Igor. **Entre campos: os estudos de televisão no Brasil**. *In*: LIMA, João Cláudio Garcia; MELLO, José Marques de (org.). **Panorama das comunicações e telecomunicações no Brasil**. Brasília: Ipea, 2013.

ROXO, Marco; SACRAMENTO, Igor. O populismo e o neopopulismo no jornalismo televisivo brasileiro. *In*: **XXII Encontro Anual da Compós**. Universidade Federal da Bahia, jun. 2013. Disponível em: <http://compos.org.br/data/biblioteca_2072.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2014.

ROXO, Marco Antônio. A volta do “jornalismo cão” na TV. *In*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (Orgs.). **História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje**. São Paulo: Contexto, 2010.

TERTO JÚNIOR, Veriano. Homossexualidade e saúde: desafios para a terceira década de epidemia de HIV/AIDS. **Revista Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 147-158, junho de 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v8n17/19080.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

TV CLUBE. **Cardinot aqui na clube**. Sobre o programa: Tv Clube, 2014. Disponível em: <http://www.tvclubepe.com.br/jornalismo/cardinot/ficha_tecnica_cardinot/>. Acesso em: 19 jul. 2014.

TV JORNAL. **Plantão 190**. Perfil do programa: Tv Jornal, 2014. Disponível em: <<http://tvjornal.ne10.uol.com.br/programas.php?id=13>>. Acesso em: 19 jul. 2014.

VECCHIATT, Paulo Roberto Lotti. **Manual da homossexualidade**: da possibilidade jurídica do casamento civil, da união estável e da adoção por casais homoafetivos. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

VEIGA, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. **A heteronormatividade na produção das notícias**. Campinas, 8-12 out. 2010.

YOUTUBE. **Sexo na rua** [Cardinot – 13.02.2014]. Programa Cardinot, fev. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BeXgRmK2Y0E>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

ANEXOS

ANEXO A - SEXO NA RUA - CARDINOT AQUI NA CLUBE (13-02-2014)



<https://www.youtube.com/watch?v=BeXgRmK2Y0E>

Cardinot (apresentador): Muita repercussão nas redes sociais... do, de dois idosos... Um andarilho e o outro vigilante que tiveram um relacionamento momentâneo, mas espontâneo... Ficou só a divergência...O andarilho diz: “o cara me deu uma cantada e eu acabei sendo seduzido pelos encantos dele...” E o cidadão, o vigilante, diz que “não”, que o andarilho chegou lá no bar e ofereceu a ele.. e ele aceitou o amor do andarilho e eles acabaram na praça tendo essa relação.

Isso tudo, gente, na delegacia acabou num TCO, um Termo Circunstanciado de Ocorrência, pelo fato deles terem feito sexo em via pública. E o repórter, André Estanislau, acompanhou a história toda do início ao fim. Bora aí, no ar. Bota no ar.

(Matéria gravada – efeitos sonoros e músicas românticas de fundo)

André Estanislau (repórter): O morador de rua, Manuel Oliveira da Silva, 36 anos, foi flagrado pelas câmeras da SDS, na praça, na frente da estação do metrô do Recife, mantendo relações sexuais com o segurança, Jairo Pereira da Silva, 65 anos, atrás de uma árvore. Seu Jairo diz que o convite partiu do morador de rua.

Jairo Pereira: Ele chegou...aí disse “oia”, eu tô a fim de fazer boquete.

AE: Boquete, na verdade, é sexo oral, né?

JP: Sim..., é... Aí, eu disse, “rapaz, aqui não dá não, aqui não dá não”.

AE: O senhor não resistiu...?

JP: Desisti! Aqui não dá, não. Ói, se for lá na praça... Aqui não dá, não! Aí disse... Fuuuui..levei ele lá pra praça... aí, debaixo do pé de palmeira, lá, escuro, no metrô... aí, chegou, eu tirei...

AE: Botou o “negócio” pra fora... e ele começou a fazer?

JP: Foi. Aí, fez o boquete... na hora passou uma viatura.

AE: Por que o senhor aceitou?

JP: Por que eu aceitei?

AE: A carne foi fraca, foi?

JP: Não! Veja! Foi a convite dele... eu não... Eu nunca pratiquei isso, foi a primeira vez. A primeira vez, te juro...

AE: A primeira e a última?

JP: A primeira e a última, é.

AE: Qual foi a sensação? Foi bom, foi ruim? Valeu a pena?

JP: ...

AE: Eu só quero saber se valeu a pena?

JP: Gozar é bom, né? É?... gozar é bom demais...

AE: Fazer... (imcompreensível) de novo, desta vez...?

JP: Foi uma “gozagem” só!

AE: Manoel rebateu Seu Jairo.

MO: Ele que chegou junto de mim e me chamou, né?

AE: Foi? Ele chamou o senhor, ele disse o que ao senhor?

MO: Bora ali, bora ali em casa...

AE: Ele deu o que ao senhor, ele deu o quê?

MO: Ele não deu nada, não.

AE: Oxe, e foi só por prazer mesmo? Foi por dinheiro, não?

MO: Não.

AE: O senhor não tomou nem uma lapadinha?

MO: Ele pagou umas cachacinhas para mim, que eu não vou negar. Ele pagou.

AE: Agora, que tipo de sexo o senhor fez com ele?

MO: Que pergunta essa... (riso envergonhado)

AE: Não, sério. Isso não é brincadeira, não... Quero saber se só foi sexo oral mesmo.

MO: (envergonhado)... Foi.

AE: Mas teve sexo anal também?

MO: Comigo, não, só com ele.

AE: Oxente, mas a câmera mostra o homem lá, danadinho, atrás do senhor.

MO: (constrangido) Não...

AE: O senhor faz sexo na rua, assim mesmo, na rua?

MO: ... (imcompreensível).. vou fazer o quê? Vou escapar, é?

AE: Caiu na rede, tem que pegar logo o peixe, né?

MO: é.

AE: Há quanto tempo o senhor faz essas coisas na rua?

JP: A primeira vez foi essa que eu encontrei ele.

AE: Ele é... desenrolado mesmo?

JP: É.

AE: Foi bom para o senhor? Muito bom mesmo?

MO: Foi.

AE: Faria novamente?

MO:(afirma com a cabeça)...se eu encontrasse ele de novo, má menino...

AE: Tudo depende da cantada, não é, seu Manoel? Se souber cantar direitinho, né?

MO: É.

AE: Qual foi o galanteio que ele disse para o senhor ir lá?

MO: “Eu gostei de você”.

AE: Foi mesmo? Quando ele disse isso o senhor não pensou duas vezes?

MO: Não.

(Fim da matéria. Volta para o apresentador)

Cardinot (apresentador): É, os dois assinaram o TCO – termo circunstancial de ocorrência – e depois saíram separados da delegacia. Mas é como diz o poeta: “o mundo dá muitas voltas”, né, chuchu?

Chuchu (produtor): É verdade!

Cardinot (apresentador): Eles podem se encontrar outra vez por aí nos bares da vida!

Anexo B. CASAL GAY BRIGA E FAZ AS PAZES NO PROGRAMA PLANTÃO 190



https://www.youtube.com/watch?v=U8YFzDQAI_o

Repórter: Pronto, deixa eu mostrar aqui. Devagarzinho, deixa eu subir aqui. Viu, Josias? Josias, vem por aqui. Pronto. Foi aqui. Muito bem. É.. Deixe eu conversar com você... fique jeito... do mesmo jeito que tá aí... Pronto.

Você... Israel é uma pessoa muito conhecida. Israel é aquela pessoa que a gente entrevistou ela. Hoje ela... é uma pessoa sensacional. Não tá mais fazendo o que ela fazia antes, né verdade? Aquele cabeleireiro alagoano.. né...? chegue aqui, me diga uma coisa... como foi? O Klebson na verdade vive com você?

Israel: Meu marido. É que ele pediu para ir para a casa da mãe dele. Eu deixei. Quando ele chegou, chegou manifestado quebrando tudo..

R: E você dá de tudo a ele, né?

I: Dá de um tudo, tudo de bom... Gay é luxo.

R: É, né?

I: Com certeza.

R: Há quanto tempo você está com ele?

I: Dois anos.

R: Dois anos. Vive bem?

I: Vivia bem, não sei por que essa, essa... esse dismantelo. Com ele, comigo.

R: Sem mais nem menos, terminou... essa cachorrada?

I: Acabei essa cachorrada.

R: (inaudível) dá pro gasto?

I: Com certeza, Givanildo.

R: É um cara amoroso?

I: Lindo.

R: É um caba novo, também, né?

I: Delícia.

R: Você não (inaudível) ele não, né?

I: Nunca.

R: (inaudível) má você chamou a polícia, foi?

I: Com certeza, e eu vou morrer, é?

R: (inaudível)

I: Apesar que bicha não morre, não, cochila.

R: ...(inaudível), fiquei sabendo que você tá de carro?

I: Linda!

R: Comprasse um carro, foi?

I: Com certeza.

R: Que carro é o teu?

I: Prisma.

R: Um Prisma! Tá vendo, Edeilson, graças a Deus! Tás trabalhando de quê?

I: Eu sou vendedor.

R: De que?

I: De cesta básica, nas porta.

R: Que coisa boa, né, rapaz. Aquilo que acabou...

I: Acabou...

(Fala pessoa que está acompanhando a gravação. Inaudível)

R: Tá'porra, tão dizendo aqui te, teu apelido... é Isabel o quê?

I: É... meu apelido artístico...

R: É o quê?

I: Isabela (imcompreensível)...

R: Por quê?

I: Porque, né!

R: Cu de Choque, é?

I: Né?

R: Má rapaz!... Tocou faz tchiii... (risos)

I: Deu Choque!

(pausa na matéria. Volta para o apresentador)

Apresentador: Má rapaz! O clima foi esfriando depois, viu? Porque eles estavam brigados ainda, estavam revoltados.. Foi.. agressão física. Givanildo dando show aí, na reportagem.. Mostrou inclusive as costas do rapaz que estava com aaaaaa, a marca, hematoma... Só que depois o clima foi esfriando... Ó ó ó (exibe-se imagens das costas do Israel)... mostra aí, ó... levanta a camisa...levanta, levanta, cadê, levanta mais, levanta cabra, levanta... Aaah! tá aí, a marquinha, cadê, ó... parece uma mordida, uma mordida... Eu sei que depois o clima foi esfriando... os dois foram se entendendo (**bg: música romântica**)... o clima de romance voltou... Um deles disse que dava uma vida de rei pro outro... com todo luxo, de tudo...terminou sabe como, em declarações de amor. Mostra o trecho aí, por favor (**sobe bg de música romântica, volta o tp da reportagem**)

(volta para a matéria)

R: O que você tem a dizer pra ele agora?

I: Não, ele tá achando que a casa da mãe dele é melhor de que a minha casa, mas acho que não porque na minha casa tem luxo... eu acho que ele não vai ter...

R: O que é luxo? Que você tá dizendo....

I: Meu filho, luxo é danone, biscoito, refrigerante.. é dinheiro... carro para andar, casa boa pra morar... e tudo... isso é luxo

R: Carinho?

I: Com certeza.

R: Muito amor.

I: Com certeza.

R: Oa, tão dizendo aqui... teu apelido, é Isabela o quê?

I: É meu apelido artístico...

R: É o quê?

I: Isabela (incompreensível)...

R: Por quê?

I: Porque é.

R: Cu de choque (risos)

I: É.

R: Má rapaz!!! (risos) Tocou, faz, tchiiii!

I: Dou choque!

(Pausa na matéria. Volta para o apresentador)

Apresentador: Mais que bom, né? Que eles fizeram as pazes, né? Rapaz... éééé... até porque, hoje é sexta-feira, sexta-feira é dia que o amor está no ar... “Loves in the Air”... “Loves in the Air”...na sexta-feira, nada de confusão, nada de briga... o clima é dessa música aí, isso mesmo, é de romance... (música: “Amor, I love you”, no bg sobe) ...daqui a pouco vou mostrar a segunda parte dessa reportagem...tá certo, já já, confira aí.

(Volta a matéria)

R: (inaudível) (BG: “Love in the air”)... pronto, fica aqui, tá os dois aqui numa boa... deixa eu conversar com os dois aqui... Você é o Clebson, né?

C: É.

R: Você gosta dele?

C: Gosto!

R: Mas gosta mesmo...? Qu’eu vou aqui... pô.. por que a mulher é você (volta-se para Israel, que sofreu agressão de Clebson), né?

I: Com certeza.

R: Tão fazendo questão, não quer mostrar o rosto... mas tá tudo bem, tão conversando comigo. Por que isso, meu véi?

C: Porque ele não queria eu deixar ir para a casa da minha mãe.

R: Mas tu já é um cabra... cresceu, ir para a casa de mãe, agora? Num arrumou um... né?

I: Não tem a mãe dele em casa, que sou eu!

R: (Risos) Além de ser mulher... é mãe!

I: É pra dar carinho, é pra dar tudo!

R: É, exatamente. Vai continuar com ele?

C: Sei não, vamo ver aí, né...?

R: Diga a ele... alguma coisa aqui, diga... o que você tem a dizer a ele? Por que foi, diga, você tem sua versão a dizer?

C: Num aí... quando eu peguei a bolsa.... qu'eu ia... ele pegou a faca de serra, para me furar...
(risos)

R: E foi?

C: Foi.

R: E aí, num...?

C: Não.

R: Mas num foi facão não!?

C: Foi não...

R: Segundo... você já tinha agredido... e pegou o facão.

C: Não... eu peguei o facão pra quebrar as coisas.... um facão eu peguei...

R: E tu quebrasse tudo dentro de casa?

C: não, tudo não, só... um vidro lá que tinha...

R: Mas não dá para se reconciliar? Dá? Dá? Pegue na mão dele. Pegue na mão! ... Pronto, pronto... pra nunca mais. ISSO QUE É AMOR. Um abraço... um abraço, um abraço entre os dois. Um abracinho, abracinho... PRONTO! Aê...tá vendo aí!?

Pronto, a partir de agora não vai mais brigar.

(...)

Tá de carro! Tá de Prisma!

Me dá uma carona...? Ou ele tem ciúme...?

I: Não, ele não tem, não.

(Incompreensível)

R: Num vai ter mais nada, não... É só "love" mais tarde... Vai andar de Prisma...comer uma pizza!!! e fazer...?

C: Amor!

R: Amor, é verdade!

(Fim da matéria)